

## O PODER E SUAS FACES\*

### THE POWER AND ITS FACES

**Thaís Augusta Máximo, Anísio José da Silva Araújo**  
*Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil*

**Ana Cristina Serafim da Silva**  
*Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Brasil*

Eugène Enriquez tem alcançado grande projeção no Brasil como uma das maiores referências da Psicossociologia. A riqueza de suas análises está no fato de optar pelo tratamento de temas que, apesar de largamente explorados pela comunidade científica, ainda não haviam sido abordados sob olhar tão inusitado e instigador. E é isso exatamente o que ocorre em seu mais recente livro traduzido para o português: *As Figuras do Poder*.

O Poder, sem dúvida, é um dos temas mais debatidos nos últimos anos. Porém, por muito tempo, as discussões em torno dele se restringiram às ciências políticas e à economia, e só recentemente despertaram o interesse das ciências sociais, da psicologia e da psicossociologia. O próprio Enriquez afirma, no prefácio do livro, que o poder sempre foi objeto de seus escritos, e que a decisão por publicar esta coletânea, com textos datados dos anos de 1965 a 1989, relacionou-se ao fato de que, por mais que esse tema tenha sido explorado e estudado, ninguém conseguira, até então, “chegar à compreensão última desse elemento que estrutura todos os tipos de sociedade” (p. 5). Ele também não se coloca esse objetivo, muito menos fornece respostas prontas para os inúmeros questionamentos que circundam esse tema. Seu intuito, com esse livro, é investigar as fontes de poder e seus mecanismos íntimos relacionados ao ser humano, bem como refletir sobre os processos e as dimensões míticas, sociais, psíquicas e históricas a ele relacionadas.

Quanto à escolha do título, Enriquez esclarece que “o poder não pode ser visto apenas como uma série de técnicas que levam à obediência” (p. 6), mas sim como uma tecnologia do poder, composta de vários elementos de coação, sedução e manipulação das pessoas. Outro elemento que deve ser considerado é o fato de o poder estar intimamente relacionado à posse de bens, de riquezas e ao status adquirido na sociedade. Não obstante, esse não pode ser decifrado a partir de uma simples relação de causalidade, visto que o poder está envolvido em uma teia complexa de elementos que interferem, todos eles, na composição e nas práticas de poder tal como se apresentam.

Ainda no prefácio, Enriquez postula que a busca de compreensão do poder coloca como condição que o mesmo seja considerado enquanto enigma. Em função disso, lança algumas questões que vão permear todo o seu texto: “Por que determinados sujeitos ou grupos sociais chegam a posições de dominação em determinadas épocas? Por que motivos certas tecnologias empregadas funcionam, e por quanto tempo?” (p. 7).

A obra está dividida em oito capítulos. No primeiro, denominado “A noção de Poder”, o autor procede a uma revisão das principais concepções de poder e de suas fontes. Segundo Enriquez, “é na própria ambigüidade [*sic*] do conceito de poder que se encontra a razão de seu uso freqüente na linguagem corrente e no quadro das ciências humanas” (p.13). Essa citação condensa toda a problemática levantada pelo autor, pois, se, por um lado, há uma busca por um conceito único de poder, por outro, há um temor em encontrá-lo.

Embora constitua um drama tipicamente humano, o poder, quase sempre, é insuficientemente explorado. O autor ressalta que, na maioria dos textos escritos, o que se observa é um esforço de delimitação do conceito, de modo a torná-lo simples e operacional; ou, ainda, uma “freqüente [*sic*] substituição do poder por termos equivalentes, tais como autoridade, comando, influência, tomada de decisão” (p. 14). No entanto, esse esforço em torná-lo operacional tem destituído-o de seus elementos humanos e subjetivos. É justamente nessa confusão conceitual que Enriquez finca as estacas para desenvolver suas ideias acerca de um poder real, sem meias palavras, envolvendo tudo o que está subjacente a ele.

Ainda no primeiro capítulo, o texto nos conduz aos primórdios da experiência do poder, valendo-se, para tanto, de referências da psicanálise. O autor afirma que a experiência primitiva do poder acontece na relação do filho com a figura do pai, representante da lei e que traça os limites do permitido e do interdito. O primeiro conflito, que se refere ao Complexo de Édipo, “exprimirá, numa extrema dramatização, a problemática do ser que se depara, na relação triangular, com seus limites e com seu desejo de transgressão, com o sagrado,

a castração e a morte” (p. 14). O entendimento de tal conflito é fundamental para a compreensão da noção de poder adotada por Enriquez, pois ao mesmo tempo em que aponta algumas características do poder, faz a ressalva de que essas não se apresentam da mesma maneira em todos os contextos.

Nesse sentido, o autor procede a uma análise das principais fontes de poder, que podem, no seu entender, estar ligadas: à manipulação e à aplicação de sanções; à competência humana ou personalidade do chefe; à identificação com uma pessoa central, suporte para o eu dos membros do grupo; ao amor – fusão, em que o poder se estabelece como sagrado; à legitimidade, em que o poder se firma pela razão; à competência técnica, em que a autoridade está fundada numa ordem legal; à estrutura das relações e à posse dos meios de controle; à contribuição trazida ao desenvolvimento e coesão do grupo; e, por último, à posse das riquezas.

Sobre a posse de riquezas, o autor discute a importância que o dinheiro adquiriu em nossa cultura, em que as pessoas são avaliadas pelo que possuem em bens materiais, e a lógica de quem vende é a de subjugar o comprador e torná-lo dependente/escravo do consumo excessivo e do desperdício. Como afirmou Enriquez, “a dádiva remete a um sistema de coação, ela manifesta o poder de quem dá sobre quem recebe, obrigando este último a retribuir ou a ser destruído” (p. 49). Talvez por isso se utilize com frequência a expressão poder de compra, visto que quem detém a riqueza compra seu status social e até mesmo pessoas.

“O Poder e a Morte” é o título do segundo capítulo que investiga a origem, as modalidades e a repartição do poder social. O autor parte do pressuposto de que a imagem de poder do senso comum está associada à da morte, visto que o poder quase sempre baseia suas práticas na violência, na coação e na repressão. Enriquez destaca que o poder é considerado o elemento fundador que faz a separação entre aqueles que dominam, controlam, e aqueles que aceitam as ordens e as executam. Ou seja, o poder diferencia pessoas e/ou grupos. Contudo, essa divisão nem sempre pode ser diretamente observável e muito menos encarada com rigidez, pois é continuamente reavaliada e questionada.

O poder é, também, dominação por meio da palavra, do discurso. Quem é poderoso é capaz de proferir o saber, pois não existe saber dos dominados, e “a única coisa que lhes resta é admirar o saber usado para manipulá-los e oprimi-los” (p. 69). Nesse sentido, Enriquez destaca a importância da ciência na busca de uma verdade universal, homogênea, que rejeita toda variedade, heterogeneidade. O autor tece críticas à ciência excessivamente racionalizada e objetiva, voltada exclusivamente à quantificação. De acordo com Enriquez, “a ciência é feita para criar (ou pelo menos

manter) essa divisão, para ajudar alguns a poder falar e reduzir os outros ao silêncio” (p. 75).

Enriquez (2001) já havia proposto, em outro escrito, possíveis relações entre as instituições, o poder e o desconhecimento, afirmando que as instituições são fabricantes de seres sociais e exercem seu poder sobre as psiques dos indivíduos e seus comportamentos, assumindo um caráter divino e de dominação sobre as pessoas. É nesse terreno que opera a pulsão de morte, criando um império racional e universal, no qual as pessoas são destituídas da liberdade de criar, de exercer controle sobre sua vida, entregando-se, portanto, a um trabalho ordenado, automatizado e racional, vivendo sob o regime da obsessão do tempo, em troca de algum poder monetário.

O capítulo três é dedicado ao “Mito do Bom Poder”, presente na gênese de todos os grupos sociais. Segundo Enriquez, nenhuma sociedade pode aceitar o fato de ser apenas um produto da história, sem finalidade ou sentido. Todos os grupos precisam do respaldo de uma ordem transcendente, que lhes assegure um lugar específico no tempo e no espaço. O mito funciona, portanto, como libertador da angústia da vida comum, constantemente ameaçada pelas transformações e pelo caos. Em contrapartida, os membros são obrigados a respeitarem as orientações e as normas estabelecidas, não propondo mudanças, evoluções ou inovações. Vive-se um controle constante não só das ações, mas também da afetividade das pessoas, “como se a felicidade exigisse a suspensão de todas as emoções violentas, ... a homogeneidade dos indivíduos, a ortodoxia do pensamento. Qualquer ‘espaço de diferenciação’ fica abolido” (p. 96).

As possíveis relações entre poder, sedução e sexualidade pautam os capítulos quatro, seis e sete. Nesse sentido, para que tivéssemos uma melhor compreensão das articulações feitas por Enriquez acerca desses temas, optamos por agrupar esses capítulos, embora não estejam colocados em sequência no livro.

O capítulo quatro é denominado “O guardião das Chaves: Sistema e Volúpia em Sade”, e nele Enriquez se ocupa da discussão das obras de Sade, buscando uma conexão com as questões do poder. Sade afirma que só há prazer se ele for organizado, planejado e regulamentado. “Tudo deve seguir um plano rigoroso e se submeter às leis da matemática” (p. 132), máxima que é a chave do domínio social e pela qual se exclui tudo que é da ordem do qualitativo. De modo geral, Sade nos leva a perceber que a sexualidade é constantemente “colocada a serviço do poder e da morte” (p. 158).

No capítulo seis, intitulado “Fascinação, sedução e poder”, Enriquez focaliza a arte de governar, sob uma ótica inusitada, enfocando-a a partir da relação libidínica entre o político e seus súditos por meio de

um controle do amor, da sedução e da fascinação. O autor esclarece que a fascinação é mais presente na forma de governo ditatorial ou totalitário e tem por objetivo criar Estados que se situem na esfera do sagrado, do transcendente, do mistério, ao mesmo tempo atraente e temível.

Para alcançar o status de semideus, os políticos usam a teatralidade, empenhados em fornecer uma imagem grandiosa para encantar os indivíduos. Os chefes, para atraírem a atenção sobre si, proclamam o discurso do impossível e se dirigem diretamente ao inconsciente dos indivíduos, exprimindo o que cada um deseja ouvir, na busca de se consagrar herói. No entanto, conclui Enriquez, “qualquer indivíduo sabe muito bem que, no fundo, o sedutor não gosta mesmo é de ninguém além dele próprio, e que o único sentimento que tem por seus concidadãos, muitas vezes, não passa de desprezo e condescendência” (p. 191).

O capítulo sete, por sua vez, é dedicado ao tema do Poder e sua sombra sexual. Nele, Enriquez afirma que todo poder tem suas faces de sombra (face da vida, face do oculto, face do invasor e face do desconhecido definitivo), fundamentais para compreender o papel da sexualidade na edificação e na administração das organizações sociais.

No capítulo cinco, Enriquez discorre sobre o poder e a guerra e questiona os porquês da guerra e, mais especificamente, o que levou a Alemanha nazista a exterminar uma nação inteira de judeus. O texto enfatiza que a figura de Hitler ocupava o lugar do sagrado, e seu discurso tinha o intuito de purificar o mundo, transformando a Alemanha em uma raça pura por excelência. Mas as palavras de Hitler só tiveram força porque ele encontrou uma Alemanha fragilizada, disposta a aceitar um líder que soerguesse a nação.

No último capítulo, que tem como tema “O retorno das forças obscuras: o racismo como sintonia”, Enriquez dá prosseguimento à discussão étnico-racial. O autor faz referência ao término da II Guerra Mundial e à crença característica daquela época que favoreceu a construção de laços afetivos entre os membros de diversas comunidades, implicando o reconhecimento do outro, tanto em seu gozo quanto na sua diferença. A expressão ‘retorno’ utilizada no título do capítulo refere-se ao fato de que, com o passar dos anos, essa crença de respeito às diferenças se esfacelou. Atualmente, a sociedade é vista como uma massa indiferenciada e pulverizada, na qual não mais existem valores ou referências, e onde as condutas são regidas por valores privados e pelo egoísmo.

O autor também discute o racismo contemporâneo, baseando-se na diferença entre o “homem” e o estranho. Este último preocupa os grupos dominantes apenas pela sua estranheza, que faz com que seja sempre visto como

invasor e possível destruidor da ordem social. O sujeito vítima de racismo é constantemente objeto de abuso, e por temê-lo, acaba por sucumbir aos desejos do opressor, identificando-se com o discurso do dominante.

Embora seja uma coletânea de textos, Enriquez consegue abordar o poder em suas facetas mais significativas, e nos mostra o quanto esse está presente em nossas vidas, de forma sutil e persuasiva. Nessa trajetória de busca de compreensão do poder, o autor viaja por universos conceituais, ao mesmo tempo distintos e complementares. Temáticas como a sexualidade, o preconceito e a política são perpassadas pelo poder e abordadas sob um enfoque desmistificador. Enfim, essa obra surge como uma importante referência no estudo do poder, pois adiciona uma nova perspectiva a uma questão que aparentemente não havia muito a dizer.

### Nota

- \* Agradecimentos à CAPES e ao CNPQ, que, por meio de bolsas de pós graduação, auxiliaram na concretização deste artigo.

### Referências

- Enriquez, E. (2001). Instituições, poder e “desconhecimento”. In J. N. G. de Araújo & T. C. Carreiro (Orgs.), *Cenários sociais e abordagem clínica* (pp. 49-74). São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec.
- Enriquez, E. (2007). *As figuras do poder*. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria.

Recebido em: 04/12/2008

Aceite final em: 28/07/2009

*Thais Augusta Cunha de Oliveira Máximo* é Doutoranda em Psicologia Social – Universidade Federal da Paraíba. Endereço: Universidade Federal da Paraíba. Cidade Universitária. João Pessoa/PB, Brasil. CEP 58059-200. Email: thaisaugusta@hotmail.com

*Anísio José da Silva Araújo* é Doutor em Saúde Pública pela FIOCRUZ/RJ, Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba.

*Ana Cristina Serafim da Silva* é Mestre em Psicologia Social - Universidade Federal da Paraíba, Professora da Universidade Federal do Tocantins.

### Como citar:

Máximo, T. A., Araújo, A. J. S. & Silva, A. C. S. (2010). O poder e suas faces. *Psicologia & Sociedade*, 22(2), 405-407.